



O QUARTO QUARTO DE HORA¹ THE FOURTH QUARTER OF AN HOUR

Roderick NEHONE²  

RESUMO: O conto “O quarto quarto de hora” trata de uma narrativa juvenil que destaca os conflitos de um estudante da educação básica em Angola, que sofre com os conflitos de sua formação e de como lida com as práticas corruptas do universo escolar, são destacados o anseios de um teste escolar, traduzindo o conflito sobre a pressão vivida por jovens em idade escolar.

Palavras-chave: Conto. Angola. Escola.

ABSTRACT: The short story “O quarto quarto de hora” is a youth narrative that highlights the conflicts of a basic education student in Angola, who suffers from the conflicts of his education and how he deals with the corrupt practices of the school universe, are highlighted the desire for a school test, translating the conflict over the pressure experienced by young people of school age.

Keywords: Short story. Angola. School.

RESUMEN: El cuento “O quarto quarto de hora” es una narrativa juvenil que resalta los conflictos de un estudiante de educación básica en Angola, quien sufre los conflictos de su educación y cómo lidia con las prácticas corruptas del universo escolar. Se destaca el deseo de una prueba escolar, traduciéndose el conflicto por la presión que viven los jóvenes en edad escolar.

Palabras clave: Cuento. Angola. Escuela.

¹ Publicado pela primeira vez em *A carteira Luísa Dylon e outros contos*, pela Texto Editores (Luanda, Angola, 2016).

² Pseudónimo literário de Frederico Manuel dos Santos e Silva Cardoso, nasceu em Luanda, Angola, no dia 26 de março de 1965. Fez Direito pela Universidad Central de Las Villas e foi deputado eleito, ocupando vários cargos em Angola. É membro da Academia Angolana de Letras e da Ordem dos Advogados de Angola. Tem 13 livros publicados e possui os prêmios literários: *Prémio António Jacinto de Literatura* e *Prémio Sonangol de Literatura*.

O quarto quarto de hora

Como de costume, apenas tinha sessenta minutos para fazer a prova. Ainda como de costume, tinha estudado à sua maneira. Como de costume também, procuraria fazer a prova do modo que era seu costume.

O professor mandou colocarem todas as carteiras e pastas em cima da sua secretária. Os telemóveis, ainda apenas meros meios de comunicação à distância, sem as câmaras nem as múltiplas funções que têm hoje, também deviam ser colocados no mesmo lugar, dentro ou fora das bolsas dos respetivos donos. Todo o mundo devia sentar-se corretamente, apenas com as folhas de prova, lapiseira, lápis e borracha sobre a carteira. Era também permitido colocar o lençinho de bolso ao lado dos outros utensílios, para facilitar a vida àqueles que nessa hora de prova tinham uma extrema sudação nas mãos ou mesmo no rosto. O ambiente começava a ficar tenso.

Cinco amigos do docente tinham sido por ele convidados para o ajudarem a cuidar da prova que aplicaria aos cerca de duzentos alunos, numa sala vastíssima. A fraude era uma prática a que muitos alunos recorriam reiteradas vezes, viciando assim os resultados e a correta perceção do seu próprio desempenho académico. Ele, o professor, era decididamente contra todo o tipo de fraude!

Depois de se ter socorrido dos ajudantes para distribuir a prova, leu cada uma das perguntas em voz alta e de modo pausado e sentenciou:

- Tendes desde agora sessenta minutos para a conclusão do exame. Boa prova!

O silêncio sequestrou o lugar.

Cada um percorria com os olhos, à sua maneira, o seu enunciado. Alguns deixavam os lábios gesticularem a leitura de cada pergunta, sem, contudo, ousarem dar liberdade a voz. Segundo o grau de certeza ou de convicção sobre a resposta a dar, as folhas até então totalmente alvas começavam a receber os traços de tinta ou de carvão, feitos sinais convencionais, lidos como letras e palavras que na sua sequência lógica exteriorizavam o sentido do pensamento, o conteúdo do conhecimento de quem escrevia.

Aqui ou acolá, havia sempre alguém encravado. Alguém que não tinha certeza sobre o que responder e que, imobilizado pela incapacidade de recordar o que havia estudado especificamente sobre o assunto, não conseguia progredir para a próxima pergunta, tentando naquela a sua sorte. E o tempo não parava.

Outros, mais lesto, seguiam imediatamente para a questão que vinha depois, quando se apercebessem que para aquela outra pergunta estava difícil recordar e esboçar uma resposta

convincente. Pulavam sem preguiça e encaravam sem receio a nova indagação. Se algo soubessem, registavam logo-logo, sem delongas, com medo de que aquela luz de saber, muitas vezes fugaz, se apagasse para sempre naquele intervalo de prova.

Também havia alguns, não poucos, que depois de encontrarem um vazio total na sua reserva de conhecimentos sobre a matéria, iniciavam então um incessante e cada vez menos discreto exercício de olhar para o colega da carteira da esquerda ou da direita, tocar com a borracha do lápis ou com a tampa da bic nas costas do colega da frente, ou então apanhar uma brecha na atenção dos zeladores, para arriscarem um torcicolo ao tentarem olhar para a prova de quem estava atrás.

Agora faltavam apenas quarenta e cinco minutos para o fim da prova.

Quando não nos recordamos da resposta correta ao que se nos pergunta e temos um tempo extremamente limitado para dizermos o que pensamos, o tempo, esse juiz implacável, parece-nos que transcorre como uma bala. Uma espécie de foguete atrás do qual se corre sem nunca o apanharmos. E com o ato se nos vão também alguns dos conhecimentos nessa hora cruciais mas presos, entretanto, por pequenos e frágeis alfinetes, que se mantiveram de pé apenas nos breves minutos que se seguiram ao fim da pressa com lemos na última madrugada, os apontamentos sobre a matéria que seria examinada.

Ela não estudava para saber. Dizia que estudava para passar e que só o futuro diria se o que havia lido ficaria definitivamente como conhecimento útil para o trabalho em que seria empregada. Então, quando fosse ao estudo em grupo, aos sábados ou aos domingos depois das onze, no lugar que escolhessem, exigia que os colegas mais marrões ficassem a dissertar em voz alta sobre cada um dos assuntos que iriam a prova. Ela ouvia atentamente, pondo em ação a quase totalidade dos seus incalculáveis gigabytes de memória. Olhava para o dissertador de turno e esforçava-se em memorizar tudo o que o mesmo dizia. A voz, as palavras seguidas e seu respetivo conteúdo, o movimento dos lábios, os tiques nervosos, os eventuais lapsos na exposição do pensamento, tudo, ou melhor, quase absolutamente tudo.

O seu estudo individual era radicalmente diferente e se tornara na sua arma secreta. Consistia num trabalho lento, meticuloso e cansativo, mas que ela fazia com extrema dedicação. Cortava vários papelinhos retangulares e ia escrevendo neles os conteúdos principais das matérias que fossem à prova. Aquelas matérias que ela suspeitasse que fossem sair no exame. Fosse por palpites dos alunos dos anos superiores, por intuição própria sobre o que julgava ser o método analítico ou o modo de pensar do professor. Nessa senda, em vez de ler ou reler o que já havia visto em grupo, Marisa Longa investia todo o seu tempo a construir as suas cábulas, umas simples e

outras compostas, bem mais sofisticadas, os recursos de ajuda à memória que estariam ao seu dispor em função do professor, da dificuldade e da oportunidade para fazer uso e safar-se de uma negativa.

Faltavam só mais trinta minutos de prova.

Ela apenas havia respondido três das dez perguntas. Um fiozinho de pânico começava a querer desestruturar a sua concentração. Os ponteiros do relógio não recuavam. A memória sem os papelinhos não respondia aos apelos gritantes das perguntas pelas quais os seus olhos escorregavam, passavam sem fricção devido à abrupta amnésia que naquele momento se apoderara da sua consciência. Agora nem mesmo a sua proverbial memória visual ajudava. Já houvera vezes em que conseguia ver mentalmente até o tipo de letra dos fascículos, as palavras sublinhadas, os conceitos sombreados com marcador verde fosforescente ou laranja, e até as notas de rodapé que espontaneamente fazia quando julgasse que dessa forma fixaria melhor a matéria. Agora nada disso ajudava. Até parecia que não tinha estudado nada para aquela prova.

No espaço da mente que devia ser preenchido pelo saber que necessitava para terminar bem aquela prova, campeavam naquele exato momento as imagens do incidente que tivera há duas semanas atrás com um outro professor. Fora apanhada por este com um dos seus famosos papelinhos escondido no lenço de bolso que tinha sobre a carteira.

Aquela peça acessória permitida pelos professores para o conforto extraordinário dos alunos que entravam em stress na hora “h”, era utilizada por ela vezes sem conta como lugar de esconderijo das suas cábulas. As lascas de papel, repletas de texto com letra pequenina, eram ensanduichadas entre as dobras do lenço e, logo que fosse necessário e oportuno, eram retiradas e colocadas debaixo das folhas de prova em branco, para serem consultadas na primeira brecha que aparecesse. O medo de que voltasse a ser apanhada agora assediava-a. Cutucava-a ousadamente, como se estivesse a empurrar sem dó nem compaixão o ponteiro dos minutos em direção ao quarto quarto de hora.

E esse quarto de hora chegou! Os últimos quinze minutos que dão corpo ao sentido humano da hora.

Na sala, aumentava o zumbido dos sussurros. O desespero morava no rosto de muita gente. Gente inteligente, mas que infelizmente não conseguia dar conta daquele específico recado. Já haviam abandonado a sala vários alunos, alguns dos quais com o sorriso no rosto, as expectativas realizadas e a satisfação indubitável de terem feito uma boa prova. Outros permaneciam cabisbaixos, tentando escavar e extrair da fina camada do papel da prova não se sabe que conhecimentos finais, a abençoada resposta que decisivamente viria salvar a honra que ainda

restava no seu convento acadêmico, mantendo assim incólumes o brilho do seu currículo e a glória do seu percurso.

Mas, quando não se sabe, poucas alternativas parecem-nos recomendáveis nessas circunstâncias. Fazer um recorrido por cada uma das perguntas e responder o que se sabe, pode ser uma. Recolher tudo, levantar e entregar a prova ao professor no estado em que esteja respondida, certamente seria a outra.

Não era essa, porém, a disjuntiva da sua estratégia. Ela tinha ainda uma terceira opção: puxar a harmónica.

Não querendo sair derrotada daquela batalha para a qual se preparara uma vez mais de modo insuficiente, Marisa decidiu recorrer à sua mais sofisticada cábula.

Fazer a harmónica dava imenso trabalho. Esta peça era uma composição dobrada de vários papelinhos, que se convertia numa espécie de leque, cheio de pregas, em jeito de mola, que era esticado ou comprimido, segundo a necessidade de se puxar para se ler o seu conteúdo ou de se guardar para não ser descoberto. Pois ela levou consigo a harmónica e escondeu-a na parte superior do pomo esquerdo do sutiã.

Nos derradeiros minutos do quarto quarto de hora que restava da prova, a madame puxou a sua arma secreta. Fê-lo uma vez e outra mais. Na terceira foi apanhada pelo professor.

- Por favor minha senhora, dê-me o que tem aí!

- O quê, professor?

- Sim, o que tem aí – insistiu o professor, enquanto apontava com o indicador direito para um dos seios dela.

- Aonde, professor? Que insinuações são essas? – disse ela, num tom de gente convencida e autoritária.

- Não são insinuações nenhuma, minha senhora. A senhora me dá voluntariamente essa cábula que tem aí escondida, ou quer que eu a tire daí?

- Eu não tenho nada em lugar nenhum, senhor professor!

Quando o docente, aborrecido e ciente do que estava a dizer, se aprestava a invadir a zona reservada, íntima e algo preservada da aluna, convencido de que demonstraria que tinha razão e de que não passaria à história como parvo nem como desrespeitador do pudor público e alheio, a delegada de turma, uma mulher estudiosa e sensata que sabia em que é que a sua colega andava há muito tempo metida, persuadiu-a a entregar a macabra peça artesanal.

Com muita vergonha ela tirou a harmónica que havia escondido entre a superfície do seio e a cobertura interior do pomo esquerdo do sutiã e entregou-a ao professor, sem poder sequer olhar para o rosto do jovem senhor. Com as pontas do indicador e do polegar direitos e o esboço de um sorriso irónico e vitorioso na comissura dos lábios, este pegou no artefacto, colocou-o num dos bolsos da calça e decidiu, naquele mesmo momento, que iria conservá-lo por tempo indeterminado lá em casa, no seu quarto, num lugar que lhe fizesse recordar para sempre aquele engenhoso objeto apreendido no quarto quarto de hora da sua última prova.

Como citar este conto

NEHONE, Roderick. O quarto quarto de hora. **Revista Narrares** – V.2, N.1, Jan-Jun, 2024, pp. 171-176.